Revista CADERNO PEDAGÓGICO

REVISTA CADERNO PEDAGÓGICO – Studies Publicações Ltda.
ISSN: 1983-0882

O silêncio e a repetição no tecido linguístico: mecanismos de significação, poder e suas implicações socioculturais[1]

Silence and repetition in the linguistic fabric: mechanisms of signification, power and their socio-cultural implications

Silencio y repetición en el tejido lingüístico: mecanismos de significación, poder y sus implicaciones socioculturales

DOI: 10.54033/cadpedv22n9-179

Originals received: 6/13/2025
Acceptance for publication: 7/11/2025

Sérgio Nunes de Jesus
Doutor em Ciências da Linguagem
Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO)
Endereço: Cacoal, Rondônia, Brasil
E-mail: sergio.nunes@ifro.edu.br

Celso Ferrarezi Junior
Doutor em Semântica
Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL)
Endereço: Alfenas, Minas Gerais, Brasil
E-mail: celso.ferrarezi@unifal-mg.edu.br

RESUMO

O artigo investiga a complexidade da/na linguagem como um sistema multifacetado de significados, em que o silêncio e a repetição desempenham papéis sígnicos. Assim, é apontado que a linguagem transcende sua função comunicativa, apresentando-se como um tecido interligado de significados, silêncios e repetições que se entrelaçam com outros elementos semióticos. A hermenêutica e a semiótica, conforme discutido por Barthes e Ricoeur, oferecem ferramentas interpretativas para entender como a repetição pode tanto estabilizar quanto subverter significados. Sendo assim, o silêncio é abordado como um componente integral do tecido linguístico, não apenas como ausência,

[1] Texto rascunhado em 2019 entre as interlocuções dos professores acima nominados e respectivas instituições de pesquisa IFRO e UNIFAL, (sobre premissas da Semântica e a Análise de/do Discurso de linha francesa) e retomado em novembro de 2024 a março de 2025, com as devidas revisões pertinentes aos estudos da/na língua(gem) como suporte da/na língua. Material produzido a partir do Edital nº 02/2025/REIT - PROPESP/IFRO, de 12 de maio de 2025 – Processo SEI nº 23243.005713/2025-79 - DOCUMENTO SEI nº 2640389 – com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação (PROPESP), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO.

mas como um espaço significativo que sugere, nega ou adia significados. Foucault é citado para enfatizar que o silêncio pode revelar relações de poder subjacentes em qualquer ato comunicativo. Além disso, a repetição é vista como um processo dinâmico que recontextualiza, reinterpreta narrativas e fortalece a memória coletiva e permite uma compreensão em camadas de eventos passados. Dessa maneira, é proposto que a análise da linguagem deve considerar as nuances culturais e sociais que moldam a comunicação ao integrar disciplinas para uma compreensão mais apurada das interações humanas. Assim, o texto convida à exploração das complexas dinâmicas entre expressão, compreensão, poder, resistência e destaca a relevância do tema para múltiplos contextos socioculturais que institucionaliza a língua(gem) como materialidade social.

Palavras-chave: Linguagem. Silêncio. Repetição. Linguagem como Tecido. Memória.

ABSTRACT

The article investigates the complexity of/in language as a multifaceted system of meanings, in which silence and repetition play symbolic roles. Thus, it is pointed out that language transcends its communicative function, presenting itself as an interconnected fabric of meanings, silences and repetitions that intertwine with other semiotic elements. Hermeneutics and semiotics, as discussed by Barthes and Ricoeur, offer interpretive tools for understanding how repetition can both stabilize and subvert meanings. Therefore, silence is approached as an integral component of the linguistic fabric, not just as an absence, but as a significant space that suggests, denies or postpones meanings. Foucault is cited to emphasize that silence can reveal underlying power relations in any communicative act. Furthermore, repetition is seen as a dynamic process that recontextualizes, reinterprets narratives and strengthens collective memory and allows for a layered understanding of past events. In this way, it is proposed that language analysis must consider the cultural and social nuances that shape communication when integrating disciplines for a more accurate understanding of human interactions. Thus, the text invites the exploration of the complex dynamics between expression, understanding, power, resistance and highlights the relevance of the theme for multiple sociocultural contexts that institutionalize language as social materiality.

Keywords: Language. Silence. Repetition. Language as Fabric. Memory.

RESUMEN

El artículo investiga la complejidad de/en el lenguaje como un sistema multifacético de significados, en el que el silencio y la repetición juegan roles simbólicos. Así, se señala que el lenguaje trasciende su función comunicativa, presentándose como un tejido interconectado de significados, silencios y repeticiones que se entrelazan con otros elementos semióticos. La hermenéutica y la semiótica, tal como las analizan Barthes y Ricoeur, ofrecen herramientas interpretativas para comprender cómo la repetición puede estabilizar y subvertir significados. Por tanto, se aborda el silencio como un componente integral del

tejido lingüístico, no sólo como una ausencia, sino como un espacio significativo que sugiere, niega o pospone significados. Se cita a Foucault para enfatizar que el silencio puede revelar relaciones de poder subyacentes en cualquier acto comunicativo. Además, la repetición se ve como un proceso dinámico que recontextualiza, reinterpreta narrativas y fortalece la memoria colectiva y permite una comprensión estratificada de eventos pasados. De esta manera, se propone que el análisis del lenguaje debe considerar los matices culturales y sociales que moldean la comunicación al integrar disciplinas para una comprensión más precisa de las interacciones humanas. Así, el texto invita a explorar las complejas dinámicas entre expresión, comprensión, poder, resistencia y destaca la relevancia del tema para múltiples contextos socioculturales que institucionalizan el lenguaje como materialidad social.

Palabras clave: Lenguaje. Silencio. Repetición. El Lenguaje como Tejido. Memoria.

1 INTRODUÇÃO

Em consonância com Cogo (2020), a linguagem em sua essência é multifacetada, transcende a mera função comunicativa e se apresenta como um tecido complexo de significados, silêncios e repetições, os quais se entrelaçam com outros elementos semióticos para construir significados complexos e, muitas vezes, até ocultos.

Derrida (*apud* Goulart, 2018), em sua teoria sobre a desconstrução, argumenta, por sua vez, que o significado de um texto nunca é fixo. Ao contrário, ele é sempre diferido, sempre em movimento; enquanto o silêncio, nesse contexto, defende Holanda (2023) que não é meramente a ausência de som ou palavra, mas componente integral do tecido linguístico, um espaço onde os significados são sugeridos, negados ou adiados.

Ainda na mesma perspectiva, Foucault (2011) aponta que:

> O silêncio não é apenas um intervalo entre palavras, mas um meio pelo qual determinadas narrativas são controladas e reguladas. Inclusive pode se dizer que ele é o que não é dito, por isso, tão significativo quanto o que é expresso, pois também tem a capacidade de revelar as relações de poder subjacentes em qualquer ato comunicativo. Em outras palavras, o silêncio pode ser visto como uma estratégia de construção de significado, onde a ausência de discurso pode carregar tanto peso quanto a sua presença (Foucault, 2011, p. 5).

Já a repetição é outra dimensão crucial da construção da linguagem. Para Gilles Deleuze (2018), em sua obra “Diferença e Repetição”, que explora de que maneiras a repetição pode gerar *novas formas de significado*, a ideia de que a repetição é simplesmente uma reprodução é equivocada. Cada ato de repetição contém uma diferenciação intrínseca que altera a percepção e a interpretação do que é repetido. A essa discussão, soma-se Butler (2021), ao examinar a performatividade de gênero, pois demonstra como a repetição de atos pode solidificar identidades e normas sociais e aponta de que maneira a construção do *eu* e do *social* se dá por meio de repetidas performances linguísticas (Deleuze, 2018).

Dessa maneira, no que tange ao papel da hermenêutica e da semiótica, Barthes (1980) e Ricoeur (2008) oferecem ferramentas interpretativas valiosas para entender como a linguagem funciona dentro de um sistema de signos em que, por um lado, a *repetição de signos* pode ‘estabilizar’ ou ‘subverter’ significados, e por outro, por meio de sua hermenêutica, examina como a repetição narrativa pode revelar camadas profundas de significado em que o ‘silêncio’ e a ‘palavra’ se entrelaçam para criar uma *tapeçaria rica de significados possíveis*.

Por conseguinte, a problemática consiste no fato que a metáfora da linguagem como tecido sugere uma trama complexa de significados interligados, além de que a construção implica um processo ativo e dinâmico de *criação de* sentidos em que o silêncio, muitas vezes, percebido como ausência, na verdade, também é sígnico e envolve um ‘mergulho profundo’ nas múltiplas dimensões da trama.

Diante do exposto, o presente artigo é um convite para explorar uma parte desse tecido, ou seja, aspectos de como significados são tecidos, construídos, silenciados e repetidos, ao revelar a complexa dinâmica entre *expressão* e *compreensão*, *poder, resistência*, *memória* e *inovação*. Assim, o tema, portanto, oferece um vasto campo de investigação teórica e prática, relevante para diversas disciplinas e contextos socioculturais.

No mais, a presente pesquisa justifica-se pelo fato que sua abordagem é essencial para uma compreensão mais apurada e matizada da comunicação

humana, pois não apenas ilumina os aspectos sutis da linguagem, mas também revela as forças sociais e psicológicas que moldam nossas interações diárias. Logo, ao integrar múltiplas disciplinas e perspectivas, esta análise enriquece nosso entendimento e nos prepara para navegar as complexidades do discurso.

Quanto ao objetivo principal que permeia esse tema, propõe-se a explorar a intersecção entre o *tecido* e a *construção da linguagem*, com foco particular no papel do *silêncio* e da *repetição*. Para tanto, será necessário pormenorizar-se nas teorias de alguns dos principais pensadores que se debruçaram sobre esses temas, como Jacques Derrida (1930-2004), Michel Foucault (1926-1984), Roland Barthes (1915-1980), Gilles Deleuze (1925-1995), Ludwig Wittgenstein (1889-1951), Paul Ricoeur (1913-2005) e Judith Butler (1956-), entre outros que demonstraram, por meio de suas ideias, as sutilezas e nuances que moldam a comunicação humana e a estruturação de nossas realidades sociais como fundamentos da linguagem.

2 A ESTRUTURA DA LINGUAGEM COMO TECIDO

Como já apresentado anteriormente, a metáfora da linguagem como tecido sugere que a linguagem é um entrelaçamento complexo de elementos sígnicos que atuam nas linhas de uma urdidura. Assim, cada elemento não apenas está interligado a outros, mas também se tensiona com os demais e, é justamente essa tensão que estabiliza o tecido e lhe dá o caráter final de peça única, embora seja, na verdade, uma multiplicidade de elementos formantes de natureza diversa do resultado final.

Cada linha em si é formada independentemente do tecido, pelo entrelaçar de fibras de certa natureza, depois trançadas e tingidas de maneira a formar um ‘fio’. Cada fio é unitário e independente. Mas, no momento da trama têxtil, o fio perde parte de sua identidade para se tornar *tecido*, embora imprima no tecido as peculiaridades que ele terá ao final como, por exemplo, ser de algodão ou de *Nylon*, ter desenhos ou ser monocromático, maciez ou aspereza, ser fino ou grosso etc.

Além disso, as qualidades do tecido estão diretamente ligadas à existência de espaços menores ou maiores entre os fios, ou seja, dos “silêncios do tecido”, e à repetição de tipos de fios, de cores e de padrões de urdidura que darão ao tecido finalizado seu aspecto geral. Logo, *é no tecido que o fio ganha significado complexo, algo que não possuía enquanto fio*. Por exemplo, na renda, o ‘silêncio do tecido’ é o espaço entre os fios da trama que tornam esse tipo de tecido semitransparente.

É nesse espaço, que se preenche pelo elemento que não pertence ao tecido em si, mas que nele ganha nova significação, que a renda deixa ‘transver’. Esse elemento não urdido que se entrevê é o *não-dito*: é dele que emana o ‘discurso da renda’, resultante do deixar ‘transver’. A renda está ali, porém, quer-se ver não a renda em si, mas o que a renda revela de forma parcial, mas provocativa. Uma renda fina, por exemplo, deixa entrever as linhas sensuais de um corpo humano que poderia ser coberto e deslineado por uma lona, grossa e áspera que é, sem a maleabilidade que acompanha os elementos naturais do corpo, impedindo o entrever. O ‘discurso da lona’ é resultante do não-transver. Ele é dado pela junção tensa e quase sem espaços entre os fios que a compõem.

Da mesma forma, cada elemento sígnico da linguagem é, incialmente, independente em si mesmo. Mas, perde essa identidade na trama linguística na medida em que se torna linguagem e imprime, no resultado final, muitas de suas características que, por sua vez, só fazem sentido e só podem ser compreendidas enquanto uma unidade tecida.

Ainda explorando a mesma metáfora, os elementos sígnicos guardam espaços entre si, os silêncios linguísticos, que ajudam a imprimir no tecido da linguagem algumas de suas mais importantes características. E de sua repetição também saem de maneiras significativas peculiaridades da linguagem. Portanto, também é no tecido linguístico que o elemento sígnico se realiza, se integraliza, toma para si um sentido complexo que não possuía de forma isolada. Por exemplo, *o silêncio, isoladamente pensado, é apenas vazio e ausência*.

No tecido linguístico, porém, pode tornar-se sígnico e adere a uma significação complexa, da mesma forma que os espaços vazios da renda anteriormente citada. O discurso se forma para além do tecido linguístico, mas a

partir dele. *Assim, há o discurso que se encontra no silêncio e o que se encontra na repetição e na urdidura tensa*. Enfim, a metáfora da linguagem como tecido parece ser bastante descritiva em relação ao que acontece quando usamos a linguagem – e sempre o fazemos para significar, mesmo que seja o *non sense*.

Essa visão aponta para o fato de que *a construção de sentidos é um processo dinâmico e que depende da interconexão entre os elementos significantes*. E para falar desses elementos, cremos ser mais interessante, porque mais profundo, usar as concepções de Saussure em seus Escritos, ao invés de usar as já combalidas formulações do Curso de Linguística Geral.

Nos Escritos de Linguística Geral, Saussure (1998), apresenta uma concepção muito diferente da que aparece no *Curso*. Eis as principais diferenças:

a) enquanto, no *Curso*, o signo é binário (Ste + Sdo), nos *Escritos* ele é quaternário. Saussure diz que, ao "significante material" (o som ou uma imagem), nós associamos uma construção mental abstrata que é como nossa "interpretação" do significante, pois as pessoas não ouvem e não enxergam da mesma forma e o sistema sensorial não capta aquilo que o sistema perceptual humano entende. Da mesma maneira, ao que ele chama de "significado", que seria uma ideia ou conceito compartilhados socialmente, cada indivíduo associa uma ideia ou conceito próprios, abstratos, que servem como significado individual que relacionamos aos significantes que ouvimos;

b) nos *Escritos*, Saussure deixa claro que o signo é parcialmente arbitrário, ou seja, que há formas de motivação mental e material que nos ajudam a construir o signo. Portanto, além de ser uma construção social, os signos também recebem interferência individual dos falantes;

c) nos *Escritos*, o significante é mais amplo do que apenas o som da palavra. Saussure admite que há outros elementos que interferem na construção de um significante;

d) o conceito de significado nos *Escritos* é, também, mais amplo. Enquanto o *Curso* aponta para a ideia de "imagens mentais", os *Escritos* falam mais de conceitos, embora Saussure não defina com muita precisão como

esses conceitos seriam formados ao longo da construção coletiva e da construção individual da língua;

e) finalmente, o signo linguístico não é nada estável: o tempo todo ele se modifica pela ação de forças internas da língua (intrínsecas) e de forças externas à língua (extrínsecas). Os próprios falantes são poderosas forças extrínsecas que atuam constantemente na modificação dos signos, tanto modificando os significantes quanto modificando os significados.

Então, como pudemos ver, a concepção de signo nos *Escritos* muda radicalmente a concepção do *Curso* e, daquele, temos o seguinte resumo (esquema e orientações gerais):

Esquema 1: O signo linguístico nos Escritos de Linguística Geral.

$$\textbf{Signo Linguístico (SL)} = \frac{\text{Significante Material (SteM) +}}{\text{Significado Coletivo (SdoC) +}} \quad \frac{\text{Significante Abstrato (SteA)}}{\text{Significado Abstrato Individual (SdoAI)}}$$

Fonte: Os autores, 2024.

Em que:

a) o signo é parcialmente arbitrário, isto é, podem existir outras relações entre o significante e o significado, mesmo que sejam indiretas ou simbólicas;
b) o signo é uma construção social e funciona em ambiente social, mas também é uma construção individual;
c) o signo recebe interferência individual dos falantes constantemente e, por isso, é muito instável. O tempo e a ação contínua dos falantes podem modificá-lo;
d) o signo é herdado, em parte, pelas gerações atuais, das gerações anteriores, mas aquelas modificam o trabalho destas;
e) o signo só se realiza em sua completude, ou seja, pela associação bem-sucedida do significante ao significado com suas contrapartes abstratas, de cunho individual e mental;

f) o significante é prioritariamente um som (uma palavra falada), mas é mais do que isso, uma vez que a fala contempla muitos elementos significativos além dos sons;
g) o significado é visto como um conceito ou conjuntos de ideias que formamos tanto social como individualmente de um referente, ou seja, de alguma coisa no mundo.

Desse ponto de vista mais amplo, fortalecemos uma base teórica robusta para a análise da linguagem como um sistema estruturado de signos que funcionam sempre em tensão uns para com os outros.

Como pudemos ver, os *Escritos de Linguística Geral* são bem menos 'estruturalistas' do que o *Curso*. Porém, não se abandona a ideia do *contraste*. Saussure tinha muito clara a concepção - ainda moderna - de que é a representação entre os elementos sígnicos, desde um som até um texto, que permite sua identificação como o que são: significantes.

Assim como o contraste entre os *fios* de um *tecido* permite a criação de desenhos e a diferença entre os fios e os espaços permite imprimir um caráter ao tecido, da mesma forma, o contraste entre os elementos sígnicos da linguagem (o contraste entre um som e outro som, entre o som e o silêncio, entre uma palavra e outra, entre um texto e outro texto etc.) é que permite que cada elemento adquira sentido no tecido linguístico.

Mas, diferentemente do que muitos pensam, o contraste não isola os elementos do tecido linguístico: *ele os une!* É o contraste que permite que um elemento sígnico seja identificado em suas propriedades e receba o sentido necessário para a construção do conjunto semiótico resultante.

Dessa maneira, sem o contraste não haveria tensão e, sem tensão, não há tecido. Ou seja, se os elementos sígnicos não são contrastados uns com os outros no tecido linguístico, é impossível atribuir-lhes sentidos e a linguagem deixa de ser linguagem.

3 LIMITES DA LINGUAGEM

Em Wittgenstein (2005), porém, encontramos seus famosos jogos linguísticos em que o significado de uma palavra é seu uso na linguagem, resultante dos contrastes que as palavras assumem entre si quando em uso por uma pessoa. Isso, claramente sublinha os limites da linguagem na sua capacidade de *representar* a totalidade da experiência humana. Ele afirma que 'os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo', destacando como a linguagem pode, ao mesmo tempo, *abrir* e *restringir* nosso entendimento do mundo.

Assim, mas, um pouco de observação empírica talvez mostre que não é exatamente assim que as coisas funcionam, uma vez que, como um tecido fino, a linguagem deixa *entrever* e o *entrever* direciona para além da própria linguagem. Portanto, pode ser que o limite da linguagem não seja tão claramente delimitador do limite da experiência humana, uma vez que esta parece ir para além daquilo que é passível de expressão.

Na visão de Volochinov (2006), por exemplo, a natureza dialógica da linguagem é inerentemente polifônica, composta por múltiplas vozes e significados que se entrelaçam e até se contradizem, criando um tecido complexo de diálogo e interpretação.

Nessas linhas gerais, explica Derrida (2019), apesar de sua estrutura, a linguagem possui *limites* e *paradoxos*, isso porque desafia a ideia de um sistema estável de significação. Com sua teoria da desconstrução, ele argumenta que a significação é sempre adiada e que os significados nunca são fixos. Ou seja, que há significações que são motivadas pela linguagem, mas que não são inerentemente linguísticas. Isso amplia muito a atuação da linguagem para além de seu caráter representativo e aponta para a linguagem como um tecido gerador de discursos, de ideias e visões para além do próprio tecido.

4 O SILÊNCIO NA LINGUAGEM: PODER, AUSÊNCIA E EXPRESSÃO

De uma forma conceitual, Martins (2017) enfatiza que o silêncio que pode, rasamente, ser entendido como a ausência de som ou de palavras, é paradoxalmente uma forma de comunicação rica em significados, pois enquanto as palavras são veículos diretos de expressão, o silêncio pode inclusive carregar tanto poder e significado quanto qualquer construção verbal.

Assim, de acordo com Santana (2019), é a capacidade da linguagem estar presente mesmo na ausência de palavras. Quando alguém se recusa a falar ou opta pelo silêncio em uma discussão, isso pode ter um impacto significativo, muitas vezes, mais poderoso do que qualquer palavra dita. O silêncio como ausência pode ser interpretado como uma forma de protesto, resistência ou simplesmente como uma maneira de evitar conflitos desnecessários.

Por outro lado, Rocha (2014) afirma que, o silêncio também pode estar presente, mesmo quando há palavras sendo ditas. Isso ocorre quando o contexto externo, a linguagem corporal ou os gestos comunicam mais do que as próprias palavras. Por exemplo, um silêncio constrangedor em uma conversa pode revelar tensão ou desconforto que as palavras não expressam completamente.

E, ainda, o silêncio poderá ser usado como uma ‘arma’ para controlar a conversa ou para demonstrar desaprovação. Em contextos mais íntimos, o silêncio é até visto por ser algo reconfortante, que transmite compreensão ou empatia.

4.1 SILÊNCIO E PODER

No que tange a essa relação entre silêncio e poder, Foucault (2004) discute que, o poder não é visto apenas como uma relação de força visível, mas também como algo que opera de maneira sutil e disseminada na sociedade. Em seus estudos, o silêncio pode ser visto como uma forma de poder disciplinar, por meio da qual instituições e normas sociais impõem *o que pode e o que não pode ser dito*, controlando assim o comportamento das pessoas.

Derrida (2019), por sua vez, frequentemente explora o conceito de marginalização e exclusão através do silêncio e argumenta que o silêncio pode ser uma forma de exclusão social e política, por meio de que certas vozes são suprimidas ou ignoradas para 'reforçar' o 'poder das vozes dominantes'. Para ele, o silêncio pode revelar relações de poder ocultas e hierarquias de valor.

No mesmo contexto, Deleuze (2018) aborda o poder e o silêncio através de uma lente mais fluida e descentralizada; sugere que o silêncio não é apenas uma ausência de discurso, mas pode ser uma forma de resistência e criação de novas possibilidades, de modo que o poder não é apenas repressivo, mas também produtivo, e o silêncio pode ser uma estratégia para escapar das formas tradicionais de controle.

4.2 SILÊNCIO NA LITERATURA E NA FILOSOFIA

Na Literatura, o silêncio é, muitas vezes, utilizado como um elemento de tensão ou de introspecção. Os autores costumam usar o que não é dito para transmitir emoções mais profundas ou para enfatizar a importância do que é deixado de fora. Por exemplo, o silêncio entre personagens pode revelar desentendimentos, segredos não ditos ou sentimentos não expressos.

Além disso, há também a figura do silêncio como uma metáfora para a incomunicabilidade ou para a falta de voz, especialmente nas obras que abordam temas sociais e políticos - autores como *Virginia Woolf (1882)*, *Samuel Beckett (1906-1989)* e *Haruki Murakami (1949-)* exploram o silêncio de maneiras distintas e cada um contribui para uma compreensão diferente desse conceito na literatura moderna.

Woolf, por exemplo, é conhecida por sua técnica de monólogo interior, em que os pensamentos e emoções dos personagens são apresentados de maneira profunda e íntima. O silêncio aqui, muitas vezes, se manifesta não como ausência de palavras, mas como um *espaço interior* onde a verdadeira complexidade emocional e psicológica de seus personagens é revelada.

> É que o não é dito pode ser tão revelador quanto o que é expresso verbalmente, especialmente no contexto das relações interpessoais e

> das dinâmicas familiares. E emprega o silêncio como um dispositivo literário para destacar momentos de significado e reflexão. Os intervalos de silêncio entre as conversas ou dentro dos próprios pensamentos dos personagens muitas vezes carregam um peso simbólico, representando a complexidade não verbal da experiência humana (Woolf, 2017, p. 27).

Para Beckett; Bowles (1979), o silêncio tem um significado complexo e multifacetado que permeia sua obra. Assim, os autores caracterizam o silêncio não apenas como a ausência de palavras faladas, mas como um elemento simbólico e existencial profundo. Vejamos:

> a) O vazio existencial: o silêncio nesse caso entre os diálogos não é apenas uma pausa, mas um vazio que reflete a monotonia e o absurdo da existência humana.
> b) Comunicação Fraturada: eles podem falar muito, mas o que realmente comunicam é mínimo, às vezes até contraditório, deixando espaços de silêncio que revelam mais sobre seu estado emocional do que suas palavras.
> c) Inadequação da Linguagem: podem expressar verdadeiramente a experiência humana. Seus personagens frequentemente lutam para se comunicar eficazmente, encontrando no silêncio uma forma de protesto ou resignação diante dessa inadequação.
> d) Estado de Reflexão: onde, em momentos de quietude, os personagens podem confrontar suas próprias existências e as questões fundamentais da vida, muitas vezes sem encontrar respostas satisfatórias (Beckett; Bowles, 1979, p. 33).

De igual forma, para Murakami (2015), o silêncio geralmente carrega significados complexos e simbólicos. Utiliza-se o silêncio como uma ferramenta para explorar a desconexão emocional e a alienação dos personagens, bem como para criar uma atmosfera de mistério e contemplação. Ou seja, muitas vezes, retrata-se o silêncio como um espaço no qual os personagens confrontam suas próprias dúvidas, medos e desejos mais profundos, refletindo sobre o vazio existencial e a busca por significado na vida moderna.

Na Filosofia, por sua vez, o silêncio também tem sido um tema de reflexão profunda. Desde os antigos filósofos gregos até os pensadores contemporâneos, o silêncio é frequentemente visto como um estado de contemplação ou como um meio de alcançar uma compreensão mais profunda do mundo e de si mesmo. Por exemplo, no pensamento oriental, especialmente no budismo, o silêncio é valorizado como um caminho para o esclarecimento espiritual e a paz interior.

Muitos filósofos exploraram o papel do silêncio na linguagem e na lógica, argumentando que há coisas que não podem ser expressas verbalmente e que o verdadeiro significado, muitas vezes, reside no que não é dito.

O silêncio filosófico pode, portanto, ser tanto uma ferramenta de análise quanto um símbolo de limitações da linguagem humana, como anteriormente afirmado, e que pode ser usado para transmitir significados profundos, explorar temas existenciais e questionar as próprias limitações da linguagem e da comunicação humana (Córdua, 1988).

4.3 SILÊNCIO NA COMUNICAÇÃO COTIDIANA

Neste sentido, Cage (2012) explorou a ideia de que o silêncio também é uma forma de 'música', da mesma forma que os espaços da renda deixam entrever aquilo que realmente se deseja admirar. Ele sugere que o que consideramos 'silêncio' é, na verdade, um espaço temporal cheio de sons ambientais e contextuais. Além disso, o silêncio poderá ser usado para expressar uma ampla gama de emoções que podem ser difíceis de articular verbalmente, como tristeza, surpresa, contemplação ou até mesmo amor - por exemplo, um abraço silencioso pode transmitir mais conforto do que palavras.

Já Foucault (2004), em suas análises sobre o poder e a linguagem, discute como o silêncio pode ser uma forma de resistência ou submissão dentro de estruturas de poder e aponta de que maneira o silêncio pode ser tão significativo quanto a fala, dependendo do contexto e das relações de poder envolvidas. Inclusive, nessas situações de poder, o silêncio pode ser usado para dominar uma conversa, impondo pausas que sinalizam desacordo, desaprovação ou simplesmente para controlar o ritmo da interação. Por outro lado, o silêncio pode ser uma forma de resistência ou desobediência, recusando-se a participar de um diálogo em que o interlocutor não seja considerado digno de resposta.

Bourdieu (2003), por sua vez, explorou como o silêncio pode ser uma forma de comunicação que reforça hierarquias sociais e simboliza relações de poder e dominação dentro de grupos sociais. Assim, o silêncio também pode ser

uma ferramenta poderosa para entender melhor o outro. Ouvir em silêncio pode permitir que alguém se sinta mais à vontade para compartilhar seus pensamentos e sentimentos mais profundos (Guerra, 2016).

Nesse sentido, Sontag (2020), o silêncio no cotidiano não deve ser visto apenas como ausência de palavras, mas como uma forma de expressão que pode ser carregada de significado cultural e político. Para a autora, o sentido expresso pelo silêncio pode variar significativamente entre diferentes culturas e contextos sociais. Em algumas culturas, o silêncio pode ser visto como respeitoso ou sinal de reverência, enquanto em outras, pode ser interpretado como sinal de desconforto ou desinteresse.

5 REPETIÇÃO E VARIAÇÃO NA LINGUAGEM

Nas perspectivas apontadas até agora, é importante salientar que, a repetição é um elemento fundamental na linguagem, tanto na sua capacidade de criar sentido quanto na de transformá-lo. Assim, Deleuze (2018), em “Diferença e Repetição”, vai explorar como a repetição não é simplesmente a reprodução de uma linguagem anterior, mas um processo criativo que introduz diferenças a cada interação. Barthes (1999), para tanto, analisa o caráter instaurador da repetição de signos culturais e narrativas, as quais criam mitos que moldam a sociedade e se naturalizam, adquirindo uma aparência de verdades inquestionáveis.

Por outro lado, Butler (2021), em “Problemas de Gênero”, argumenta que a identidade é performativamente construída por meio da repetição de atos. A repetição, aqui, é um mecanismo de construção de identidade, pelo qual a continuidade aparente é na verdade uma série de interações. De certo, Ricoeur (2012), ao discutir a narrativa e a memória, sugere que a repetição na narrativa não apenas reforça a memória, mas também a reinterpreta. As histórias e memórias são continuamente reconstruídas, permitindo novas compreensões e significados.

Assim, para Genette (1988), teórico literário francês, abordou a repetição e a variação principalmente no contexto da narratologia, e discute ainda como

esses elementos são usados na construção de *personagens*, *enredos* e *temas* dentro de uma obra literária, uma vez que a repetição poderá criar *ritmo* e *coesão*, enquanto a variação mantém a narrativa dinâmica e imprevisível.

> Repetição, pode ser utilizada para criar ritmo e coesão dentro de uma obra literária. Ela ajuda a estabelecer padrões e temas recorrentes que estruturam a narrativa e dão sentido à progressão temporal e temática da história. A repetição também pode ser usada para enfatizar certos aspectos das personagens, dos enredos ou dos temas centrais da obra.
>
> .....
>
> E a variação, é essencial para manter a narrativa dinâmica e imprevisível. Ela permite que o autor explore diferentes facetas das personagens, desenvolva novos elementos do enredo e introduza complexidade na trama. A variação ajuda a evitar a monotonia e a previsibilidade, mantendo o interesse do leitor ao longo da obra (Genette, 1988, p. 58).

Em outras palavras, a repetição e a variação têm propriedades estruturantes no texto – não apenas no literário, é claro - e, assim, determinam aspectos do tecido linguístico diferente de seu sentido geral e do discurso que dele emana. De acordo com Bakhtin (*apud* Carel, 2011), teórico literário russo, ao falar sobre a repetição, enfatizou a importância da *polifonia na linguagem*. Para ele, a repetição e a variação são instrumentos fundamentais na construção de vozes múltiplas e pontos de vista divergentes dentro de um texto.

A repetição pode ser usada para criar padrões temáticos ou para enfatizar certas ideias, enquanto a variação permite a expressão de diferentes perspectivas e a evolução dos temas ao longo do tempo. Isto, seja tanto na poesia quanto na prosa, permite aos escritores e falantes manipularem o significado, o ritmo e a interpretação de seus textos. Esses elementos não apenas enfatizam aspectos importantes da comunicação, mas também enriquecem a experiência estética e interpretativa dos leitores e ouvintes.

5.1 REPETIÇÃO NA LINGUAGEM: MEMÓRIA E IDENTIDADE

A relação entre repetição e memória é intrínseca. Para Ricoeur (2008), em sua obra sobre a ‘narrativa e a memória’, a repetição na narrativa não apenas

reforça a memória, mas também a reinterpreta. À medida em que histórias são contadas repetidamente, elas não permanecem estáticas, ao contrário, são continuamente recontextualizadas e reinterpretadas. Isso não só fortalece a memória coletiva de uma comunidade ou cultura, mas também permite uma compreensão em camadas de eventos e experiências passadas.

Além disso, Halbwachs (2004), desenvolveu a teoria dos 'quadros sociais da memória', sugerindo que a memória é construída e mantida coletivamente por grupos sociais por meio de práticas repetitivas, como rituais, celebrações e narrativas compartilhadas. Essas práticas não apenas preservam a memória, mas também a moldam de acordo com as necessidades e interesses presentes da comunidade.

A repetição também desempenha um papel crucial na formação e manutenção da identidade pessoal e social. Segundo Butler (2021), a identidade não é algo dado, mas sim construído repetidamente por intermédio de práticas discursivas e performáticas: a repetição de certos comportamentos, gestos, e discursos contribui para a consolidação de identidades de gênero, étnicas, culturais e outras.

Logo, a repetição na linguagem não é apenas uma questão de reiteração mecânica de palavras ou conceitos, mas um fenômeno complexo que permeia todos os níveis da vida social e cultural. Ela desempenha um papel crucial na formação da memória individual e coletiva, na construção da identidade pessoal e social, e na facilitação da transformação cultural e social. Compreender a dinâmica da repetição na linguagem é essencial para uma análise mais profunda dos processos de significação, poder e resistência que moldam nossa experiência humana.

5.2 MEMÓRIA, RECRIAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL

A memória e a identidade relacionadas à repetição, para Wenzel (2021), são aspectos fundamentais da experiência humana, e sua interação com a repetição revela camadas profundas de significado. Por isso, é importante compreender que a repetição não se limita apenas à ação mecânica de fazer

algo novamente: ela se molda e reconstrói nossas memórias e identidades de maneiras complexas e pode solidificar nossa identidade pessoal e social. Por exemplo, repetir certos gestos, formas de fala ou rituais culturais pode reforçar nossa identificação com grupos específicos: culturais, religiosos ou sociais.

Ainda dentro dessa perspectiva de retomar memórias como uma forma ativa de reconstrução, asseguram Belotte, *et al.*, (2023), que elas podem modificar nossa percepção ao longo do tempo, pois cada vez que lembramos algo, não apenas acessamos a memória, mas também a reconstituímos, incorporando novos elementos e contextos. Isso pode alterar gradualmente nossa identidade ao longo da vida, à medida que reinterpretamos nosso passado à luz de novas experiências e perspectivas.

Quanto à preservação cultural, menciona Lopes (2023) que a repetição de tradições e práticas culturais ao longo do tempo desempenha um papel crucial na preservação da identidade cultural de comunidades e sociedades. Essa repetição não apenas transmite conhecimentos e valores, mas também fortalece o sentido de pertencimento e continuidade entre gerações.

Logo, enquanto a repetição pode ser vista como um elemento de estabilidade e continuidade, a retomada de memórias pode ser um ponto de partida para transformações e inovações na identidade. Por meio da repetição criativa e reflexiva, indivíduos e comunidades podem reinterpretar tradições, criar novas narrativas e adaptar-se a novos contextos sem perder a conexão com suas raízes.

Enfim, tecidos linguísticos baseados em retomada de memórias e caracterizados como repetições são, na verdade, criados sempre com novos ‘fios’, ou seja, com novos elementos sígnicos, e, por isso mesmo, as construções resultantes são invariavelmente diferentes das anteriores. Textualizar é sempre uma forma ativa de criação, mesmo que seja vista como mera recriação.

5.3 SÍNTESE: A CONSTRUÇÃO NA LINGUAGEM

A síntese na linguagem é um processo complexo que envolve a habilidade de tecer ideias e construir significados através de elementos linguísticos.

Podemos chamar a síntese linguística de *textualização*. Quando imaginamos uma pessoa 'tecendo linguagem', isto é, construindo linguagem, precisamos considerar como os elementos sígnicos envolvidos impõem certos limites aos tecidos finais.

Assim como não se tece lona para caminhão com fios de seda e não se faz uma fina renda com cordas de sisal, não se consegue qualquer resultado linguístico com qualquer conjunto de elementos sígnicos. Logo, estamos considerando, no processo de criação linguística, não apenas uma repetição cultural herdada de gerações anteriores, como diria o citado Curso atribuído a Saussure (1998), mas um processo ativo e criativo que vai desde a seleção do material sígnico até às decisões de como as palavras serão entrelaçadas para formar um tecido linguístico coerente e coeso.

Dessa maneira, esse processo não pode se limitar, obviamente, apenas à gramática e à estrutura das frases, pois se trataria de material de evidente pobreza até para as expressões mais simples. É necessário que o material sígnico incorpore nuances culturais, históricas, de visão de mundo, emocionais, enfim, das mais variadas origens e naturezas, que darão profundidade, eficiência e relevância à comunicação humana; na prática da síntese – ou da textualização - observamos três aspectos principais:

> a) Integração de Ideias: A síntese envolve a capacidade de integrar diversas ideias e informações para formar um todo coeso. Isso requer não apenas compreensão das diferentes perspectivas, mas também a habilidade de as relacionar de maneira que complementem e enriqueçam umas às outras.
> b) Construção de Sentido: Ao tecer palavras e conceitos, os falantes e escritores constroem significados que vão além do literal. A escolha das palavras, o tom da voz (no caso da fala) e a estrutura das frases contribuem para moldar o significado e a interpretação do que está sendo comunicado.
> c) Contextualização Cultural e Social: Cada cultura e contexto social têm suas próprias nuances linguísticas. A síntese eficaz leva em consideração essas nuances, adaptando-se ao público-alvo e aos valores compartilhados dentro de uma comunidade específica (Volóchinov, 2006, p. 29).

Logo, a síntese eficaz na comunicação não ocorre em um 'vácuo', mas é influenciada pelas vozes e perspectivas múltiplas que interagem e contrastam

umas com as outras dentro de um produto linguístico finalizado, o qual permite perceber e identificar um discurso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos demonstrar como o silêncio e a repetição atuam na construção do tecido linguístico, ou seja, na linguagem cotidiana. Embora sejam elementos fundamentais para a construção de *significado*, a *formação da identidade* e a *transformação cultural*, são, muitas vezes, desprezados em situações de análise teórica e mesmo de ensino.

Como pudemos ver, o silêncio não é apenas a ausência de palavras, mas é parte significativa da urdidura linguística, imprimindo aspectos importantes no resultado final e sendo significativo nas interações, inclusive assumindo sentidos diferentes em diferentes culturas.

Já a repetição, como vimos, não é um ato mecânico e disfuncional, mas atua decisivamente no processo de textualização, na formação da memória, conforme descrito por Ricoeur e Halbwachs, e na construção das identidades, segundo Butler e Deleuze.

Por fim, pudemos ver como o silêncio e a repetição revelam-se como mecanismos poderosos de textualização, consistindo em espaços férteis para reflexão do processo construtivo e de atribuição de sentidos na linguagem.

Compreendida como um elemento gerador de discursos, mas não como o discurso em si, a linguagem passa a ser vista não como um fim, mas como um meio. Nessa direção, a metáfora da 'linguagem como tecido' nos ajuda a perceber que o tecido não é construído como resultado finalístico e autossuficiente, mas para uma aplicação, seja como cobertura que gera calor ou proteção, como manto que oculta ou como transparência reveladora de coisas desejadas, como o fino tule que protege das moscas, mas que deixa entrever a deliciosa cocada no tabuleiro. Assim também é a linguagem, que ora oculta ora revela, ora acaba com os desejos ora os alimenta, ora fere ora cura, mas sempre exige de nós ação criativa e, por isso mesmo, nos constitui como aquilo que somos.

Consideramos assim, que a pesquisa demonstrou que a análise da linguagem como um sistema multifacetado de significados pode auxiliar a sociedade e a academia a compreender melhor as dinâmicas socioculturais que moldam a comunicação. Os resultados obtidos podem contribuir para uma maior conscientização sobre as relações de poder subjacentes em atos comunicativos. Além disso, a pesquisa destaca a importância de considerar as nuances culturais e sociais que moldam a comunicação. No entanto, esta pesquisa apresenta limitações, como a necessidade de uma análise mais aprofundada das especificidades culturais e históricas.

Recomenda-se que futuros trabalhos investiguem como as dinâmicas linguísticas e socioculturais se manifestam em diferentes contextos. Estudos comparativos sobre a linguagem e a comunicação em diferentes culturas e sociedades também são necessários. A pesquisa pode ser aplicada em contextos como a comunicação organizacional, a educação e a mídia. A integração de disciplinas pode contribuir para uma compreensão mais apurada das interações humanas. Futuras pesquisas podem explorar as implicações práticas dos resultados desta pesquisa; pois a linguagem como materialidade social é um tema relevante para múltiplos contextos socioculturais.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **S/Z**: um ensaio. Tradução por Maria de Souza Cruz e Ana Mafalda Leite. Lisboa: Edições 70, 1980.

BECKETT, Samuel; BOWLES, Patrick. **The Beckett trilogy**. Pan books, 1979.

BELOTTE, Fabio Lucas. A subjetividade da matéria: a poética da imagem animada no processo de materialização de memórias. 2023. 231 f. **Tese de Doutorado** - Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais, 2023.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Trans. Miguel Serras Pereira. Lisbon: Fim de Seculo, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar; Revisão Técnica de Joel Birman. 21. ed. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2021.

CAGE, John. **Silêncio**: palestras e escritos. Organizador Mariano Marovatto. Tradutores Beatriz Bastos e Ismar Tirelli. Wesleyan University Press, 2012.

CAREL, Marion. A polifonia linguística. **Letras de Hoje**, *[S. l.]*, v. 46, n. 1, p. 27–36, 2011. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/9218. Acesso em: 22 fev. 2025.

COGO, Rodrigo. **Storytelling**: as narrativas da memória na estratégia da comunicação. Aberje Editorial, 2020.

CÓRDUA, Carla. Wittgenstein y los sentidos del silencio. **Estudios Públicos**. 70 (mar. 1988). p. 243-258. Disponível em: https://www.estudiospublicos.cl/index.php/cep/article/view/1024 Acesso em: 22 fev. 2025.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2018.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. Tradução de Rogério da Costa. Iluminuras: São Paulo, 2019.

FERRAREZI JUNIOR., Celso. **Ser humano, ser estético, ser linguístico**: a construção da visão de mundo na semântica de contextos e cenários. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2025.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **VERVE - Revista Semestral Autogestionária do Nu-Sol.**, n. 5, p. 260-277, 2004. Disponível em: file:///C:/Users/canib/Downloads/4995-Texto%20do%20artigo-11878-1-10-20110208.pdf Acesso em: 22 fev. 2025.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**: Curso no Collège de France (1982-1983). Tradução de Eduardo Brandão. Martins Fontes: São Paulo, 2011. (Obras de Michel Foucault)

GENETTE, Gérard. **Narrative discourse revisited**. Cornell University Press, 1988.

GUERRA, Danilo Dourado. Sons do silêncio: relações entre o paradigma da teo-política do alto império romano e o conceito de violência simbólica em Bourdieu. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 26, n. 1, p. 15-24, jan./mar. 2016. Disponível em: file:///C:/Users/canib/Downloads/humbertoalves,+4675-13590-1-CE.pdf Acesso em: 22 fev. 2025.

GOULART, Audemaro Taranto. **O arco da literatura**: das teorias às leituras. Paco Editorial: São Paulo, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Prensas da Universidade de Saragoça, 2004.

HOLANDA, Marcelo José Rodrigues de Barros. **Viva ou morta, respeitem o meu nome**: discursos jurídicos-judiciais transfóbicos em ações penais do Tribunal do Júri de Taguatinga/DF. 2023.

LOPES, Miguel Catumbela. Perfeita repetição: relatório de projeto final. 2023. 33 f. **Dissertação de Mestrado** - Católica Escola das Artes, Porto, Portugal. 2023.

MARTINS, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação**: ideias, conceitos e métodos. Vozes: Rio de Janeiro, 2017.

MURAKAMI, Haruki. **Dance dance dance**. Tradução de Lica Hashimoto e Neide Hissae Nagae. Alfaguara: São Paulo, 2015.

RICOEUR, Paul. **Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II**. Paris: Le Seuil, 2008.

RICOEUR, Paul. Entre tempo e narrativa: concordância/discordância. Tradução de João Batista Botton. **Kriterion**, Belo Horizonte, nº 125, Jun./2012, p.299-310. Disponível em: https://www.scielo.br/j/kr/a/btwDLWPTTFNkJ4h3N5GwSzp/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 22 fev. 2025.

ROCHA, Isabel Cristina Pinela da. No silêncio das palavras...: o gesto consentido! 2014. 165 f. **Dissertação de Mestrado** - Universidade Católica Portuguesa (Portugal), 2014.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem**. Plexus Editora: São Paulo, 2019.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação**: e outros ensaios. Tradução de Denise Bottmann. Companhia das Letras: São Paulo, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 24. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich; BAKHTIN, Mikhail; **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da

linguagem. 12. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

WENZEL, Eugênio Gervásio. **Memória e identidade teuto-brasileira**: em Cerro Largo, Rio Grande do Sul. Editora Dialética: São Paulo, 2021.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Observações filosóficas**. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola: São Paulo, 2005.

WOOLF, Virgínia. **The essays of Virginia Woolf**. Volume 5: 1929-1932. Random House, 2017.